

# SEXO ALÉM DO SEXO

## PERFORMANCES CORPORAIS E

### PEDAGOGIAS ERÓTICAS

Edvaldo Souza Couto\*

#### Resumo

O corpo passou a ser problematizado de muitas maneiras, sob as mais diversas abordagens, para múltiplos fins. Em toda parte, o chamado culto ao corpo se propagou. Em discursos acadêmicos muitos ressaltaram que ele é um objeto produzido na e pela cultura. E nas dinâmicas culturais ele pode ser observado, explicado, classificado, examinado, medicalizado e pavoneado em inúmeras performances e representações para todos os gostos e interesses. Nesse contexto, o corpo é objeto de poder. Não por acaso tantos estudos já foram feitos para demonstrar e assegurar que ele está ao lado de categorias historicamente oprimidas e marginalizadas: minorias de raça, classe e gênero (JAQUET, 2001).

O corpo é um campo aberto de conflitos e debates, com linguagens e problemáticas que se renovam sistematicamente. Esse movimento afirma que o corpo está vinculado ao próprio sujeito e inserido nas formas sociais da cultura. Mais do que um objeto da natureza, ele é constantemente produzido e reproduzido pelas mais diversas tecnologias próprias de cada época. Por isso é um objeto imperfeito, inacabado, sempre provisório, mutável, volátil e submetido a intervenções tecnocientíficas. O corpo é sempre criado a bel prazer, como seus vários discursos.

O século XXI faz do corpo o principal objeto de consumo (COUTO, 2012). Dos aparatos tecnocientíficos à publicidade incessante, o corpo belo, jovem e potente borbulha por toda parte. Esse completo acontecer do corpo diz que ele deve ser, de infinitos modos, consumido. Consumir versões corporais alheias e, ao mesmo tempo, oferecer nossos corpos

---

\*Doutor em Educação (UNICAMP) e Professor na graduação e pós graduação em Educação – UFBA  
edvaldo@ufba.br

sempre reelaborados para o consumo festivo de multidões ávidas por diferentes representações e formas transitórias, são modos siderais de nos colocar em lugares especiais nos limites da materialidade do ser.

São muitos os apelos cotidianos para a produção e consumo frenético das corporalidades. Mas nenhum deles parece tão forte e irresistivelmente sedutor como o fato de que o corpo é, acima de tudo, sexualizado. O corpo é desejo e desperta desejo. Tudo nele flutua em torno de processos de sedução. Então, não são apenas os corpos que são inventados, mas especialmente as sexualidades. As sexualidades se tornam modos de ser para nós e para os outros, um brilho fugaz dos nossos gozos sempre metamorfoseados.

Nesse contexto, esse estudo tem o objetivo de discutir alguns resultados de uma pesquisa qualitativa realizada com cinco “garotos de programa” de Salvador. As entrevistas, sobre os modos como cada um constrói o seu corpo e comercializa os jogos de aparências sexuais, foram realizadas e gravadas entre novembro de 2014 e abril de 2015. O argumento principal desenvolvido aqui é o de que vivemos uma época em que o sexo já está fora do sexo, em que o embate físico e emocional em busca da excitação e do gozo não se dá mais no corpo propriamente dito, mas nas representações e negociações corporais, que produzem outros estados e pedagogias eróticas.

Os cinco garotos entrevistados têm entre 20 e 27 anos, se consideram de classe média, são universitários ou já concluíram cursos superiores. Dois são formados em educação física, um é aluno de educação física e professor numa academia, um é administrador de empresas e o outro é arquiteto. Um se diz branco, dois são morenos e dois são negros. Três deles fizeram viagens internacionais. Todos se conhecem e compartilham redes de clientes. Na maioria dos casos os clientes são masculinos, embora relatem serviços prestados também a algumas mulheres. Fragmentos das falas dos entrevistados serão identificados a partir de agora por meio dos nomes que eles adotam no trabalho: Caio, Pedro, Tiago, Bob, Rick. Todos têm sites pessoais onde se exibem por meio de fotografias e vídeos produzidas em estúdios, por profissionais.

### **Construções corporais**

Os cinco garotos se dizem fissurados por seus corpos e relatam práticas e modos de cuidar de si para obter a forma física irresistível. Todos ressaltam que compram tudo que o

mercado oferece para ter o corpo dos sonhos. O corpo é sempre o principal investimento de tempo, emocional e, sobretudo, financeiro. “Não é nada barato ter o corpo que tenho” (Caio e Rick). Sobre os modos como constroem seus corpos, selecionei cinco itens: musculação, alimentação, moda, cosméticos e cirurgias plásticas. Considerando os limites deste texto, agrupei apenas fragmentos das falas de um ou outro que julguei mais importantes para fundamentar cada item.

## **Musculação**

Todos são “viciados” em academias e treinam entre duas e quatro horas por dia.

*“Eu comecei a fazer academia com 16 anos. Treino uma hora e meia pela manhã e uma hora e meia no final da tarde ou a noite. Fiz faculdade de educação física e me interessei muito pela mecânica corporal. Quero saber como cada exercício ativa o músculo. O lance pra mim é ficar grande, mas com postura, leveza, elegância. Aquela coisa de sair na rua como Schwarzenegger não dá. O cara tem que desfilar. É como se cada lugar fosse uma passarela. Eu desfilo mesmo. ” (Tiago)*

*“Puxo ferro duas horas por dia. Antes eu ia e me concentrava nos exercícios. Não queria papo com ninguém. Depois descobri, véi, que eu podia exhibir ali o meu corpo e conseguir alguns clientes. Tem uns caras que vão pra academia e ficam fingindo suar com uns pesinhos merrecas. Estão ali só pegar gente que malha duro como eu. ” (Pedro)*

## **Alimentação**

Todos disseram que são muito preocupados e atentos com a alimentação. Com exceção de Caio, que se vira com orientações adquiridas por meio da internet, os outros têm acompanhamento de nutricionista esportivo. Os suplementos alimentares integram o cardápio diário: vitaminas, Whey Protein e anabolizantes.

*“Meu nutricionista é porradão. Não adianta treinar pesado e se alimentar errado. Tem que comer certo, engolir as vitaminas certas, dormir bem, ter uma vida saudável. ” (Rick)*

*“Quem diz que malha e come direitinho e tem um corpão tá mentindo. É preciso mais. Poucos dizem, mas quase todo mundo toma umas injeções de vez em quando. Todo mundo indica anabolizante pra todo mundo. E aí muito nêgo faz merda. Eu tomo uns anabolizantes e hormônios também. Mas um médico me acompanha, orienta, dá a dose certa. Não sou otário.” (Bob)*

*“Véi, tem que suar certo, comer certo e tomar uns troços certos também. Eu não sou halterofilista, mas converso com os caras. Eles me dão a ideia”. (Pedro)*

## **Moda**

Andar bem produzido é sinônimo de usar produtos de marcas, de preferência internacionais, frequentar bons salões de beleza, ter cortes de cabelo modernos, barba bem cuidada e aparada, sobrancelhas bem desenhadas.

*‘Não adianta o cara dar um grau e depois comprar roupas nessas lojas populares, xexelentas, padronizadas. Eu fuço o mundo da moda, eu busco novidades. Mas gosto de peças discretas. Sabe, eu gosto de marcas mesmo. Sou vaidoso pra porra’.* (Tiago)

*‘Só uso roupa boa, cara mesmo. Boto banca. Gasto sem pena em roupas e calçados.’* (Caio)

*‘Ando bem vestido e num carro que é foda. Onde eu chego todo mundo olha pra mim. É assim que eu gosto.’* (Bob)

## **Cosméticos**

Os cinco garotos se dizem super vaidosos e adeptos de inúmeros produtos que prometem realçar a beleza. São adeptos de limpeza de pele, massagem facial, peeling para eliminar manchas, marcas de acne, combater olheiras e pequenas rugas. Quatro fazem uso de botox e frequentam dermatologistas.

*“Quem não se enfeitar, não se embelezar e não for muito cheiroso não seduz ninguém.”*  
(Pedro)

*‘Meu dermatologista é um viado retado de bom. Vai pra tudo quanto é congresso, sempre tem novidades e eu experimento tudo que ele me indica. É fera mesmo. (Tiago)*

*‘Bote ai no seu trabalho, mas bote mesmo o que eu vou dizer. Vaidade é coisa de homem, meu irmão. Mulher fica naquele mimimi mas não sabe quase nada. Acha que batom e salto alto é tudo. Meu cabelo não é doido de ficar com um fio fora do lugar. Meus dentes são super brancos. Se eu tiver uma espinha no rosto não saio de casa. Digo mesmo: é muito creminho importado no lombo gostoso desse seu bofe. ’’ (Rick)*

### **Cirurgias plásticas**

Os entrevistados são adeptos de cirurgias plásticas como estratégias para o embelezamento corporal. Todos ressaltaram que não gostam da expressão “cirurgia plástica”, que parece se referir ao tempo em que as chamadas cirurgias estéticas eram feitas apenas em hospitais e implicavam em recuperação lenta e dolorosa. Destacam que agora vivemos a era das minúsculas intervenções técnicas e cirúrgicas, muitas delas em clínicas dermatológicas, com pequenas doses de anestesia local e recuperação em horas ou poucos dias.

*‘Véi, você acha que eu ia ter um peitoral desse só puxando ferro? É silicone, meu bem’.*  
(Pedro)

*‘Todo mês estou no dermatologista fazendo uma coisinha ou outra. Mas como agora qualquer cortezinho de nada é cirurgia, então faço um monte de cirurgia. Faço enchimento nos lábios, deixei o nariz mais fino e arrebitado, tirei umas cicatrizes de espinhas e marcas de expressão na testa. Um botox faz milagre.’ (Tiago)*

*‘Eu me acabava no abdominal, mas não tinha jeito de deixar a barriga definida do jeito que eu queria. Aí fiz uma lipo. O médico ainda aproveitou e deixou a minha cintura menos marcada.’ (Caio)*

*‘O rosto da gente merece muito cuidado. De vez em quando faço uns retoques. Mas tudo coisa pequena. A dermatologista nem chama de cirurgia. Mas ela corta, espicha e cola. E eu*

*saio todo lindo.*'' (Rick)

*''Só vou fazer cirurgias quando estiver mais velho. Tem muito creminho que estica legal. Por enquanto eu me contento com eles.*'' (Bob)

A produção corporal, para estes entrevistados, tem uma finalidade específica: colocar-se no mercado das performances sexuais. Para todos eles, no entanto, o sexo está muito além do sexo.

### **Sexo além do sexo**

Vivemos em uma época que acelera o prazer diante das confusões de gênero, da diversidade sexual e da indiferença do sexo como gozo (COUTO, 2012). Assim como os corpos, as sexualidades também não cessam de ser construídas. Fronteiras tradicionais, antes tão demarcadas e assumidas, como homem e mulher, heterossexualidade e homossexualidade, ativo e passivo, se misturam e muitas vezes se dissolvem. Se num passado o sexo se desvinculou da reprodução, atualmente parece se descolar do próprio sexo. Liberto da reprodução, o sexo se tornou uma opção de prazer. Mas esse prazer também tem muitos riscos, como inúmeras doenças e violências de muitas naturezas e graus de intensidades. Para muita gente aquele sexo tradicional, que envolvia penetração, mesmo protegido, já não interessa mais. Existe uma espécie de indiferença sexual que prospera em toda parte.

Para Baudrillard (1990) o corpo sexual está entregue hoje a uma espécie de destino artificial. Por isso o modelo de sexualidade se tornou a transexualidade. Não no sentido anatômico, mas no sentido de travestismo, dos jogos e signos do sexo que se inventa como performance e não como gozo convencional. É o sexo que extrapola o sexo, que está além do sexual. É o sexo no excesso publicitário, sempre teatralizado. Vivemos a era das urgências sexuais, em que tudo foi convertido em sedução. Mas a sedução tem o fim em si mesma, não no gozo. Ela se prolifera sideralmente. E aí o sexual se torna um modo de aparecimento, um brilho efêmero e arrebatador onde os corpos se exibem em performances cada vez mais criativas e inusitadas. Agora tantos os corpos como as sexualidades são inventadas e construídas pelas próteses, produtos químicos e muita publicidade de si. Como enfatiza Le Breton (2012), vivemos a era da sexualidade sem sexo e sem corpos. Tudo é apenas sedução e

artifício numa trama infinita de aparências. As sensações não exigem mais contatos nem relacionamentos.

Esses argumentos são importantes para compreender as narrativas e interpretações dos modos como os entrevistados constroem, vivenciam e comercializam os jogos de aparências sexuais. O ponto de partida é que todos eles vivem de “programas” mas dizem que não são garotos de programa, que não fazem programa, ao menos no sentido convencional, não vendem sexo, não transam e não gozam. Nenhum deles tem interesse no sexo como sexo, mas em performances corporais desafiadas por poéticas eróticas deslizantes.

*“Véi, eu não sei dizer exatamente o que eu faço. No fundo não sou um garoto de programa, eu não vendo sexo. Eu não fodo com os clientes. Fuder todo mundo fode. Isso você encontra em todo lugar e é muito barato. Eu não vendo o pau, a porra nem a bunda. Eu vendo caro é outra alegria. Com o tanto de coisa que eu tomo pra ter um corpão o meu pau nem sobe. Não importa mais o pau. Eu ofereço aos meus clientes esse corpo lindo, que pouca gente tem. O cliente pira porque pode ter por algum tempo o meu corpo belo.” (Pedro)*

*“Esse negócio de fuder não tá com nada. Não gosto de meter em buraco nenhum. Também não sou buraco pra ninguém meter. Não é pra meter nada. Quem quer fuder pega um puto por ai. Comigo não. O cara paga pra ficar comigo porque quer ver, tocar, beijar todo o meu corpo que é produzido com muito trabalho e carinho. Eu danço, represento personagens, ofereço muitas fantasias. Mas o que ofereço mesmo pra ele pira é meu corpo jovem e muito belo. Tem vezes que o cara nem quer tocar, só quer ficar me olhando, babando, viajando. Ele goza com a minha beleza, não com o meu pau ou cu, entendeu?” (Bob)*

*“Não vendo sexo e não transo. Eu vendo companhia, afeto, carinho. Sei dizer coisas que enlouquecem o cliente. Eu falo e ele goza. Eu exhibo cada parte do meu corpo, cada músculo bem desenhado, supino a supino, e ele goza” (Caio)*

*“Quem quer fuder de verdade não sai comigo. Quem sai comigo quer comer a minha beleza, quer gozar com a minha juventude, nos meus 20 anos. Eu sei que sou bonito pra caralho. O meu serviço é esse. Eu ofereço isso pra quem pagar.” (Pedro)*

*“Eu fico retado quando dizem que eu sou puto. Não ganho dinheiro pra comer nem pra dar a bunda pros caras. Eu cobro caro porque vendo o meu corpo todo e não apenas o pau. E o que ele faz com meu corpo? Olha, pega, cheira, beija, adora, elogia, idolatra mesmo. O cliente paga pra me adorar, porque eu sou belo e beleza custa caro. Cobro caro mesmo.”*  
(Rick)

Os entrevistados dizem que não costumam enfrentar problemas porque negociam desde o primeiro contato e começo da conversa com o cliente que tipo de programa vão fazer. A maioria desiste porque quer sexo mesmo. Uns poucos aceitam porque julgam que na hora vão convencer o garoto a ter a transa da sua vida ou a transa que aquele preço pago permite e merece. Esses devem e precisam ser descartados. Sobram os clientes que consomem o sexo além do sexo.

*“Já vesti a roupa, devolvi o dinheiro e mandei cliente se fuder sozinho. Esses eu dispenso mesmo. Escolho gente fina, com gosto sexual apurado. Que coisa besta ficar esfregando pau com pau ou metendo. Eu só quero cliente que saiba curtir e ter prazer com o meu corpo. O cliente tem que ser um espelho. Quero refletir meu corpo nele.”* (Rick)

*“No meu site já digo que não vai ter metecção. Tá ligado? O fulano paga pra me acariciar. Ele goza me acariciando. Mas eu sou receptivo, eu colaboro: eu beijo, eu toco, até brinco com o pau dele, mas não bato punheta pra ele gozar na minha mão.”* (Bob)

Em nossa época o corpo, íntimo e sexuado, vive cada vez mais da superexposição obsessiva. De muitas maneiras e meios ele se oferece despudoramente aos olhares ávidos e consumistas. As próprias metamorfoses atuais do corpo são oferecidas como prazeres diáfonos. Como escreve Lipovetsky (2006) vivemos menos de aventura em aventura sexual, sustentada pela tirania da ereção permanente, e mais de jogos poéticos e delicados que misturam a exaltação e adoração do corpo convertido ele mesmo em delírio sexual. Agora, é a reciprocidade hedonista que conta, é a comunicação interpessoal que circula e que, de certo modo, qualifica e festeja a cultura sexual além do sexo.



### **Algumas conclusões**

Esses relatos e análises aqui expostos nos mostram determinadas pedagogias eróticas que nos permitem um conjunto de conclusões, das quais quero destacar três.

A primeira conclusão é que vivemos nos domínios híbridos de corpos naturais e tecnocientíficos. O corpo não cessa de ser construído e reconstruído e todos buscam ocupar o pódio estético onde o estatuto corporal é marcado pela beleza, juventude e vigor artificializados e, por isso mesmo, mais sedutor e irresistível. Cada um tem o corpo que deseja.

A segunda conclusão é que esse corpo provisório se tornou ele mesmo representação de sexualidades voláteis. As performances sexuais são cada vez mais egocêntricas. Não visam trocas com o outro. O outro até pode gozar, mais o importante mesmo é o gozo de quem se oferece para ser adorado. As performances sexuais se descolaram da felicidade dos sentidos. São meros jogos de exibição de si.

A última conclusão é que a felicidade individual parece fazer parte desse desabrochamento da performance erótica hiper higienizada, destinada ao olhar e a si mesmo. O outro é um figurante cada vez mais dispensável, salvo apenas pela razão econômica.

Devemos nos perguntar se essas pedagogias eróticas são novas formas de liberação ou outras misérias sexuais e afetivas que prosperam.

### **Referências**

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**. Ensaios sobre os fenômenos extremos. Campinas, Papirus, 1990.

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos voláteis, corpos perfeitos**. Ensaios sobre estéticas, pedagogias e políticas do corpo. Salvador, EDUFBA, 2012.

JAQUET, Chantal. **Le corps**. Paris, Presses Universitaires de Frances, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **Le bonheur paradoxal**. Ensaí sur la société d'hyperconsommation. Paris, Gallimard, 2006.

LE BRETON, David. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. Em COUTO, Edvaldo Souza e GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.) **O triunfo do corpo**. Polêmicas contemporâneas. Petrópolis, Vozes, 2012.